





# UM ELEFANTE EM MEU JARDIM

Michael Morpurgo

Tradução  
Renato Marques  
de Oliveira

Este livro segue as normas do novo  
**ACORDO  
ORTOGRAFICO**

  
PANDA  
BOOKS

© 2010 Michael Morpurgo

Esta edição foi publicada com a autorização da HaperCollins Publishers Ltd.  
Todos os direitos reservados.

Diretor editorial  
*Marcelo Duarte*

Coordenadora editorial  
*Tatiana Fulas*

Assistente editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*  
*Juliana Paula de Souza*

Assistente de arte  
*Alex Yamaki*

Estagiária  
*Leika Regina Inoue*

Ilustração de capa  
*Catarina Bessel*

Diagramação  
*Estúdio Mondo*

Preparação  
*Beatriz de Freitas Moreira*

Revisão  
*Carmen T. S. Costa*  
*Telma Baeza Gonçalves Dias*

Impressão  
*Geográfica*

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Morpurgo, Michael  
Um elefante em meu jardim/ Michael Morpurgo; [tradução Renato  
Marques de Oliveira]. – 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2011. 144 pp.

Tradução de: An elephant in the garden  
ISBN: 978-85-7888-166-5

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – Ficção. 2. Ficção inglesa. I. Marques,  
Renato. II. Título.

---

11-6189

CDD: 823  
CDU: 821.111-3

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Para Bella, Freddie e Max.



# Sumário

## **Parte UM**

Um fundo de verdade ... 9

## **Parte DOIS**

Um círculo de fogo ... 39

## **Parte TRÊS**

Um círculo de aço ... 73

## **Parte QUATRO**

O soar dos sinos ... 101





PARTE UM

Um fundo de verdade



# 1.

Para dizer a verdade, acho que Lizzie jamais nos teria contado a história do elefante se Karl não se chamasse Karl.

Acho melhor eu explicar.

Sou enfermeira. Eu estava trabalhando meio período em uma casa de repouso pertinho de onde a gente morava. Eu só cumpria meio expediente porque queria estar em casa para cuidar de Karl, meu filho de nove anos. Morávamos apenas nós dois, por isso eu precisava estar lá, aprontá-lo para ir à escola e também para quando ele voltasse. Mas, às vezes, nos fins de semana, eles me pediam para fazer hora extra. Nem sempre eu podia dizer não — todos os funcionários precisavam se revezar nos turnos —, e, para ser sincera, até que o dinheirinho a mais vinha bem a calhar. Assim, nos fins de semana em que Karl não tinha onde ficar, ou quando não havia ninguém para tomar conta dele, eu tinha permissão para levá-lo comigo ao trabalho.

No início fiquei um pouco preocupada — tinha receio de que alguém se incomodasse, e eu me perguntava como é que Karl se daria com os idosos —, mas o fato é que ele adorou, e os velhinhos também. Para começo de conversa, ele tinha o *playground* inteiro à disposição para brincar. Às vezes ele levava alguns amiguinhos. Eles subiam nas árvores, chutavam bola, passavam zunindo nas bicicletas. Já para os velhinhos, as visitas das crianças se tornaram uma atração do fim de semana, algo que eles passaram a aguardar ansiosamente. Os idosos ficavam sentados horas a fio diante das

janelas da sala de estar, olhando a criançada. E, quando chovia, Karl e seus amigos entravam e se juntavam aos velhinhos para jogar xadrez ou para assistir a algum filme na televisão.

Até que algumas semanas atrás, em uma noite de sexta-feira, nevou, e nevou à beça. Eu tinha de ir trabalhar no dia seguinte, pois havia sido escalada para o turno da manhã de sábado, e precisei levar Karl comigo. Mas ele não se incomodou nem um pouco. Chamou meia dúzia de amigos. O plano da meninada era descer de trenó na neve. Mas acontece que nem trenó eles tinham. Por isso, improvisaram levando qualquer coisa que deslizasse — sacos plásticos, pranchas de surfe e câmaras de pneus. Valia até mesmo se jogar de bumbum direto na neve. Naquela manhã a casa de repouso se encheu de alegria com as risadas das crianças se divertindo lá fora na neve, sob os olhares atentos dos velhinhos. Depois de algum tempo a brincadeira de deslizar degingolou para uma batalha de bolas de neve, que os velhos aparentemente curtiram tanto quanto Karl e seus amigos. Passei boa parte da manhã ocupada, mas quando olhei pela janela vi que, para deleite geral, Karl e seus amigos estavam entretidos construindo um boneco de neve gigante, bem na frente do janelão da sala de estar.

Por isso, fiquei absolutamente surpresa quando entrei no quarto de Lizzie e vi Karl sentado ao lado da cama, de gorro e casaco; os dois estavam batendo o maior papo, feito velhos amigos.

— Ah, então aí está você — ela disse, fazendo um gesto com a mão para que eu entrasse.

— Você não me disse que tinha um filho, e que ele se chama Karl! Mal posso acreditar. Seu filho se parece muito com ele também. A semelhança é extraordinária, impressionante. Eu contei a ele sobre o elefante no jardim, e ele acredita em mim — ela

apontou e sacudiu o dedo na minha direção, como se quisesse me repreender. — Você não acredita em mim. Eu sei disso. Ninguém aqui acredita, mas Karl acredita.

Às pressas, tirei Karl do quarto e o arrastei comigo corredor afora, dando nele uma sonora bronca por ter ido parar no quarto de Lizzie sem ser convidado. Pensando bem, acho que eu nem deveria ter ficado tão surpresa. Karl estava sempre zanzando de um lugar para o outro. No entanto, o que me surpreendeu mesmo foi ver como ele ficou furioso comigo.

— Ela ia me contar a história do elefante dela — ele protestou, aos berros, tentando se desvencilhar com puxões na minha mão.

— Não *existe* elefante nenhum, Karl — eu disse. — Ela imagina coisas. As pessoas mais velhas às vezes fazem isso. A cabeça delas fica meio confusa, só isso. Agora venha, pelo amor de Deus.

Só à tarde, quando voltamos para casa, tive a oportunidade de me sentar com Karl e lhe explicar tudo sobre Lizzie e a história do elefante. Eu disse que, de acordo com os registros da casa de repouso, Lizzie tinha 82 anos de idade. Ela chegara ao asilo fazia quase um mês, tempo suficiente para que a gente já conhecesse bem o jeito uma da outra. Às vezes ela era um pouco irritadiça, mal-humorada e até briguenta com as outras enfermeiras, mas comigo sempre tinha sido bem-educada e cordial, cooperava com o meu trabalho e quase sempre era bastante obediente. Mas, mesmo comigo de vez em quando ela podia ser bem teimosa, especialmente na hora de comer a comida que eu punha na frente dela. E também não bebia água tanto quanto devia, por mais que eu tentasse convencê-la.

Karl insistiu em saber mais coisas sobre Lizzie, fazendo uma porção de perguntas. “Há quanto tempo mesmo ela está na casa de

repouso?”, “O que há de errado com ela?”, “Por que ela fica na cama no quarto, e não com os outros?”. Ele queria saber tudo, por isso eu contei tudo... como ela e eu tínhamos nos encantado uma com a outra desde o primeiro encontro, como ela era bastante direta, a ponto de às vezes ser rude, e como eu gostava disso. Já no primeiro dia no asilo ela me disse:

— Vou ser sincera com você. Não gosto nem um pingão de estar aqui, mas já que estou e já que a gente vai ter de se ver o tempo todo, você pode me chamar de Lizzie.

E foi o que eu fiz. Para as outras enfermeiras ela era Elizabeth, mas para mim era Lizzie. Ela dormia muito, ouvia o rádio, e lia livros, muitos livros. Quando estava lendo, Lizzie não gostava de ser interrompida, mesmo se fosse para tomar os remédios dela. Ela adorava especialmente histórias de detetive. Uma vez ela me disse, toda orgulhosa, que tinha lido todos os livros escritos por Agatha Christie.

Contei a Karl que o médico achava que antes de chegar à casa de repouso Lizzie tinha passado semanas, talvez meses, sem se alinhar direito. E isso ficou evidente quando a vi pela primeira vez, tão murcha, fraca e frágil: o rosto que era só pele e osso, a cabeleira branca cor de nata esparramada sobre os travesseiros. Mesmo assim pude ver que havia nela algo singular — seu olhar duro como aço, o sorriso súbito que iluminava todo o rosto. Eu nada sabia da vida daquela mulher — ela não recebia visitas de nenhum parente. Parecia estar totalmente sozinha no mundo.

— Ela é um pouco como a vovó — eu disse a Karl, tentando explicar da melhor maneira que podia o estado mental de Lizzie. — Sabe, como muitos idosos, às vezes ela fica um pouco confusa e esquecida, por exemplo, quando começa a falar do tal elefante. Ela fala disso o tempo todo. E não só para mim, mas para todo mundo.